

PROCURANDO POR DIREITOS: ATIVISMO TRANSMASCULINO COMO FORMA DE EXISTÊNCIA

Bernardo Mota Lopes -

Mestrando do Curso de Comunicação da Universidade de Brasília - UnB.

Contatos: obernardomota@gmail.com

Resumo

A criança que teve sua primeira infância constituída a partir de uma palavrões e insultos, que variavam do macho-femea, maria-sapatão à palavras impronunciáveis, sabe o que significa constituir-se pela resistência e ter que inventar caminhos para uma vida possível. Reafirmo que não procurei pela militância ou pelo ativismo, no entanto, desde cedo a luta por direitos esteve presente como uma condição sine qua non. Ser um adolescente trans na periferia da capital do país me trouxe preocupações para ordem do dia: temia por não ter onde morar, enfrentei toda resistência e gambiarras para utilizar meu nome social nas instituições e migrei entre estados à procura de atendimento especializado em saúde. Através de relatos autoetnográficos, discuto, analiso e problematizo a construção de uma identidade de homem trans no Brasil, e como, necessariamente, o processo de organização em torno de movimentos sociais foi primordial para me garantir direitos básicos. Como principais discussões levantadas, este artigo aborda a passagem pelo movimento secundarista e os proibidos cinedebates LGBT no ensino médio que organizei, pelo fato de ter sido o primeiro homem trans a ser mestre de cerimônia do Congresso Nacional brasileiro, a convite do antigo ex-deputado federal Jean Wyllys, além das diversas ações organizadas enquanto coordenador regional do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT) no Distrito Federal, dentre eles a constituição do Ambulatório Trans de Brasília, a coordenação do projeto piloto com a ONU de um curso de

formação para pessoas trans e outros episódios na direção de coletivos trans locais, como a T Colettive.

Palavras-chave: Homens trans; Movimentos sociais; Transmasculinidades; Autoetnografia.

Introdução

- Desde cedo, produzindo resistências.
- Quem pode escolher ser um ativista?
- Organização de homens trans no DF

Metodologia

- Autoetnografia como metodologia, ‘fresta epistemológica’ – vozes diversas enquanto produtoras de conhecimento crítico. (VERGUEIRO, 2015, p. 25).
- A dimensão biopolítica da produção do arquivos (BOURCIER, 2021).
- Butler. Relatar a si mesmo.

Resultados e discussão

- Como se dava a estruturação da militância transmasculina no DF pré-pandemia;
- Quais são as redes de solidariedades erguidas por homens trans para o enfrentamento da covid?
- Como fazer uma autoetnografia em confinamento; o isolamento social para pessoas trans.

Considerações finais

- É preciso fortalecer os grupos de homens trans pelo país;
- A discussão sobre movimentos sociais e contexto pós covid;
- Como lidar com o luto (e com a luta) daqui para frente.

Referências

ÁVILA, S.; GROSSI, M. P.. “**Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina**”. In: FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADE, DESLOCAMENTOS, Florianópolis, 23 a 26 de agosto de 2010.

_____, S. **FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: A emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis, SC, 2014.

_____, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética.** Tradução Rogério Bertoni. 1ed; 4. reimp – Belo Horizonte: Autência Editora, 2019.

CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** In: “Estudos Feministas” p171-188, 2002.

GREEN, James. N. **“Who is the Macho Who Wants to Kill Me?”: Male Homosexuality, Revolutionary Masculinity, and the Brazilian Armed Struggle of the 1960s and 70s,** Hispanic American Historical Review, v. 92, no. 3, p. 437-69, 2012.

JESUS, Jaqueline. G. **Transfobia e crimes de ódio: assassinatos de pessoas transgênero como genocídio.** In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. História Agora, v.16, nº 2, pp.101-123, 2013.

_____, Jaqueline. G. **Xica Manicongo: A Transgeneridade Toma a Palavra.** Revista de Docência e Cybercultura. Rio de Janeiro v. 3 n.1 p. 250 Jan/Abr. 2019.

NERY, J. W. **Viagem solitária – memórias de um transexual trinta anos depois.** São Paulo: Editora Leya, 2011.

YORK, Sara Wagner. **TIA, VOCÊ É HOMEM?** Trans da/na educação: des(a)fiando e ocupando os “cistemas” de Pós-Graduação. Dissertação de Mestrado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 187 p. 2020.